

Morrer, eu?

Você está brincando!

Uma lesão no tronco cerebral ensinou a este autor de comédias o que é ser amado | POR NIGEL SMITH

COMEÇOU COM uma piada. No dia anterior, eu apresentara dormência na mão e no pé esquerdos e no lado esquerdo da língua. Depois de ter sido enganado por um clínico geral substituto (“nada com que se preocupar, meu ‘chapa’, volte daqui a alguns dias”), telefonei para meu amigo e parceiro de trabalho, Phil Hammond, que é médico. Descrevi meus sintomas.

Houve uma pausa. Aquilo foi preocupante, já que Phil raramente pensa antes de falar.

– Você está dizendo a verdade? – perguntou ele.

– Claro! – respondi.

– Nesse caso, companheiro, você está “ferrado”.

Não era uma piada muito boa.

Passei o dia seguinte nauseado – mas eu era produtor de TV, e sempre passava por alguns Festivais desse jeito.

Ficar ao volante transforma minha mulher Michele em piloto suicida. E levar às pressas seu marido doente para um exame de ressonância magnética de emergência complica ainda mais a situação.

Eu contraíra, ou desenvolvera, ou pegara (ninguém sabe ao certo, mesmo agora) uma lesão desmielinizante profunda do tronco cerebral. Uma lesão se refere a um tecido anormal no corpo.

Nigel Smith
com a filha Scarlett,
de 4 anos.



No meu caso, ela estava retirando mielina do meu tronco cerebral.

A mielina é algo muito útil. Ela reveste as células nervosas, como a cobertura plástica de um fio elétrico. No meu caso, os exames mostraram que ela desaparecera na medula. O tronco cerebral é uma caixa de sinalização, e a minha estava funcionando muito mal.

Se você quer que seus dedos toquem o rosto de quem você ama, ou toquem os acordes de uma música, você não

consegue obter permissão se o sinal específico não puder passar.

No Hospital Charing Cross, de Londres, os médicos iniciaram uma série de investigações cada vez mais invasivas – entre elas, inserir um tubo na virilha, fazê-lo subir por dentro do corpo e injetar emulsão fotográfica no meu cérebro. Michele sempre suspeitou de que o caminho até meu cérebro começava mais ou menos por aquela área, mas francamente...

Nas duas semanas seguintes, período em que fui a 14 neurologistas, cada sinal parou de funcionar: braços, pernas, voz, deglutição, visão, bexiga. Michele e eu nos consolávamos com o fato de que, pelo menos, meu coração e meus pulmões funcionavam.

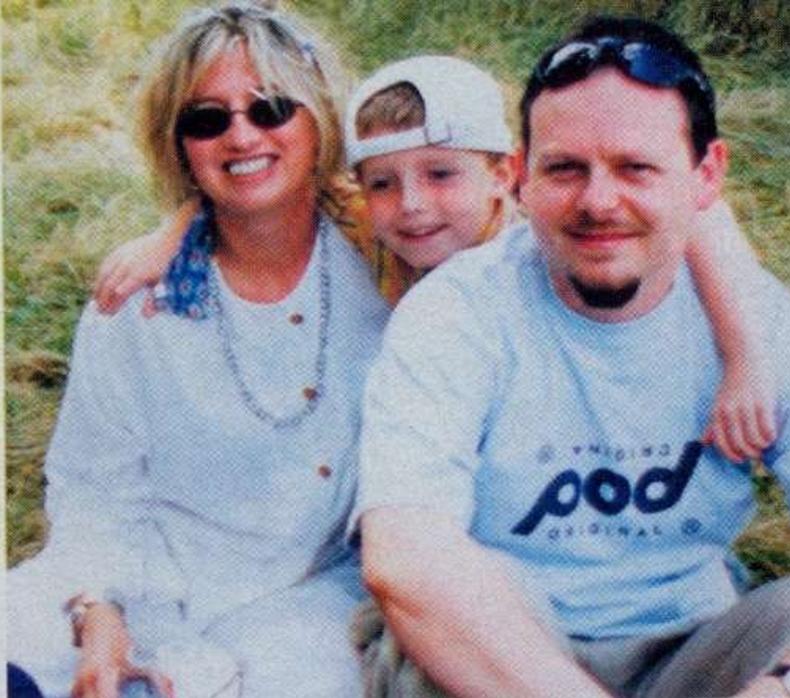
Então meus pulmões pararam.

Era hora de subir para um outro andar do hospital. Isso não era bom. Quanto mais alto você sobe, mais doente está. Fui transferido para o andar mais alto de todos: o CTI, Centro de Tratamento Intensivo. Phil contou as máquinas conectadas a mim. “Apenas nove”, ele disse, com muita sensibilidade. “Dez e você está morto.”

TUDO O QUE É melhor em mim estava em Michele àquela época. Pouco tempo atrás, antes daquilo tudo, eu teria dito: “Sim, eu já fui amado.”

Mas não daquela forma. Não o amor em estado natural, sem restrições, abundante que minha mulher demonstrava – o amor como um demolidor de *bunkers*, uma bomba H, uma granada de mão do coração.

Michele se recusava a me deixar morrer. Ela flexionava, e esticava, e friccionava minha mão esquerda fechada como uma garra e meu pé esquerdo retorcido por horas, dias, semanas, meses, desejando que eles voltassem ao normal. Atormentava, agia com prepotência, intimidava e encantava a equipe do hospital. Pesquisava na Internet, colocava os médicos contra a parede... Ela nunca desistiu.



Com a mulher Michele e o filho James, de 7 anos, antes da doença.

E duas vezes ao dia, ficava de pé, esperando, preparando seu sorriso, junto às portas eletrônicas que se abriam para o frágil e silencioso mundo do CTI – ao mesmo tempo que ia trabalhar (ela é uma bem-sucedida agente do *showbusiness*), ao mesmo tempo que cuidava de nossos dois filhos, ao mesmo tempo que sua barriga crescia com nosso filho ainda por nascer, a criança que ambos estávamos secretamente, terrivelmente, silenciosamente convencidos de que não vingaria por causa de toda aquela confusão.

O trabalho de Michele sempre fora árduo. Ela gerenciava a carreira de seus quase 80 clientes. Caí doente em 13 de novembro. No Natal, alguns deles já haviam debandado.

A hora mais iluminada para Michele chegou no meu momento mais sombrio. Ela procurou o neurocirurgião americano Patrick Kelly, especialista nesse tipo de lesão. Inacreditavelmente, ele estava indo para Estocolmo, para receber um prêmio. Se ela con-

seguisse tirar meus prontuários e exames do hospital, poderia mostrá-los a ele durante sua escala em Londres.

O hospital não a deixaria pegar os prontuários. Ela os roubou e, às 5h da manhã do dia seguinte, encontrou-se com o “gênio” cirúrgico que havia acabado de desembarcar de um voo noturno vindo de Nova York. À luz de um anúncio luminoso de aluguel de carros, ele lhe disse que tudo ia ficar bem. E mesmo que não ficasse, ele poderia “consertar”. A opinião de Patrick Kelly deu nova energia a minha equipe médica. Logo apresentavam novos tratamentos, alguns caríssimos. Lentamente, comecei a me recuperar.

Muitos dos meus problemas foram consequência do tratamento: gastrite (inflamação causada pelo tubo de alimentação); psicose induzida por esteróides; pleurite (com a superbactéria *Staphylococcus aureus* resistente a metilina); e coma (*overdose* de morfina). O que significava que melhorei quando o tratamento diminuiu. Saí da ventilação mecânica depois de 11 semanas.

Em março de 2002, fui transferido para uma unidade de reabilitação e comecei a caminhar de novo. Um dia, discutindo com um enfermeiro, quis saber por que não iriam me dar banho, e desejava poder gritar quando telefonaram da BBC dizendo: “Lembra-se daquele programa-piloto que você escreveu séculos atrás? O que se passa

em um hospital? Você poderia escrever uma série? Há muito não nos vemos. Continua atarefado?”

No mês seguinte, fui transferido para o Hospital Kingston, por causa do nascimento de minha linda, gorducha e barulhenta filha. Pesava 4 quilos e era perfeita. Nós a chamamos Scarlett.

QUASE CINCO ANOS depois, tenho problemas para andar, enxergar e tocar baixo. Como e bebo por um tubo ligado ao estômago. Tenho tentado maneiras de acelerar minha recuperação. Tive terapeutas alternativos que eram obtusos, mas gentis, e profissionais de saúde apenas obtusos. Mas o segredo é o mesmo que para outros tipos de sucesso: trabalho e tempo.

E intervenção cirúrgica. Por mais que eu os tenha sob suspeita, os homens de jaleco branco ocasionalmente retiram mesmo o coelho da cartola. Ou, nesse caso, uma voz da minha laringe em frangalhos.

Hoje, não vejo um propósito, ou um plano, ou mesmo um aprendizado no que aconteceu. Michele esperava que eu sáísse disso iluminado, uma mistura de dalai-lama e Gandhi. Em vez disso, sou o mesmo velho e superficial ser desprezível que sempre fui. Com uma exceção – agora sou o mesmo velho e superficial ser desprezível que sabe o que é ser amado. E que pode bradar isso a plenos pulmões.

SÓ PARA TER CERTEZA, UAI!

O que um poste caipira falou para o outro?

– Será que todos os fios são nossos? LUCILIA RIBEIRO, Rio de Janeiro (RJ)